

JÚLIO DINIS

# AS PUPILAS DO SENHOR REITOR

Crônica da aldeia

Prefácio de  
SÉRGIO NAZAR DAVID

1ª edição



EDITORA RECORD  
RIO DE JANEIRO • SÃO PAULO

2017

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO  
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

---

Dinis, Júlio, 1839-1871

D599P As pupilas do senhor Reitor / Júlio Dinis; Prefácio  
Sérgio Nazar David. – 1ª ed. – Rio de Janeiro: Record, 2017.

ISBN: 978-85-01-11080-0

1. Romance português. I. Título.

CDD: 869.3

17-41548

CDU: 821.134.3-3

*As pupilas do senhor Reitor*, de autoria de Júlio Dinis.

Primeira edição impressa em junho de 2017.

Texto revisado conforme o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

Design de capa: Rafael Nobre e André Manoel/Babilonia Cultura Editorial,  
com imagem Shutterstock intitulada “closeup detail old portuguese glazed  
tiles”.

Todos os direitos desta edição reservados a Editora Record Ltda. Rua  
Argentina, 171 – 20921-380 – Rio de Janeiro, RJ – Tel.: (21) 2585-2000.

Impresso no Brasil

ISBN: 978-85-01-11080-0

## Prefácio

### Uma obra de transição

*As pupilas do senhor Reitor* saiu em folhetins, no *Jornal do Porto*, em 1866. A publicação em volume é do ano seguinte. Estamos na década de ouro de Camilo Castelo Branco, tempo em que o romance, nas suas diversas feições e funções, vinha se consolidando. O público leitor se alargava, ao longo do século, em Portugal, mas ainda era diminuto relativamente ao corpo social. Talvez nisto esteja a explicação para os objetivos de entretenimento e de análise que — ora mais forte um, ora outro — nunca se perdem completamente na literatura romântica.

A intriga de *As pupilas* é aparentemente simples. José das Dornas, “lavrador abastado”, tem dois filhos, órfãos de mãe: Pedro (forte como o pai) e Daniel (o avesso do irmão, “alvo e louro, de voz efeminada, mãos estreitas e saúde vacilante”). Preocupado com o destino de Daniel, José das Dornas vai encontrar no reitor, um “padre velho” da aldeia, que “tinha o Evangelho no coração” e era “liberal de convicção”, o aconselhamento de que necessita. Diz-lhe o reitor: “Não podes fazer dele um lavrador? Fá-lo padre, letrado ou médico, que não ficarás pobre com a despesa.” Iniciam-se as lições de latim com o padre, visando à carreira eclesiástica.

Um dia o reitor surpreende Daniel com Margarida no campo. A partir de então, em conversa com José das Dornas, decidem que Daniel será médico ou advogado no Porto. Margarida era filha do primeiro casamento de um carpinteiro, que, viúvo, casara-se uma

segunda vez com uma mulher de posses, o que o transformara num abastado proprietário. Vem uma segunda filha, Clara, deste segundo casamento. Morrem em seguida o pai e a madrasta. Nada de extraordinário: naquele tempo poucos passavam dos cinquenta anos, enorme era a mortalidade infantil e muitas as mulheres que morriam nos partos. Os hospitais eram só para os pobres (as Santas Casas) e os doentes eram tratados com sangrias e dietas (em casa) ou com viagens (para regiões montanhosas ou próximas ao mar). Ficam então as duas irmãs, Margarida e Clara, sob a tutela do reitor.

Daniel vai para o Porto, a “cidade invicta” — expressão que rememora a vitória dos liberais na guerra civil contra os absolutistas em 1834 —, e retorna anos depois já formado em medicina. Pedro e Clara têm casamento tratado. O reitor fora o “embaixador” junto a José das Dornas, mas só depois de “perceber (...) a inclinação recíproca”. Margarida, que nunca mais falara a Daniel, não se esquecera da “cândida afeição” do passado. Mas Daniel já não se lembra dela; só tem olhos para Clara.

Pouca importância tem que o arremate do romance traga um encontro feliz de dois casais. Talvez mais valha ressaltar o quanto Júlio Dinis, bem ao gosto de seu tempo, urde um mundo, ao mesmo tempo novo e velho, sob os pilares da aparente renúncia ao desejo, dando-nos a ver os que se movem com recato e cautela, os que se fazem de mortos e têm, por isso, mais espaço de ação na árdua luta pela felicidade.

Do que Júlio Dinis (Joaquim Guilherme Gomes Coelho) deixou, ao morrer, em 1871, com 32 anos incompletos, o conjunto mais relevante é sem dúvida composto por quatro romances — *As pupilas do senhor Reitor* (1867), *A morgadinha dos canaviais* (1868), *Uma família inglesa* (1868) e *Os Fidalgos da Casa Mourisca* (1871) — e pelos contos enfiados em *Serões da província* (1870).

Na narrativa de ficção, Júlio Dinis retrata, idealiza, recria, indaga, problematiza uma sociedade que lutava com seus vetores

majoritários por se modernizar. De um lado, o velho mundo (beato, absolutista, machista, hierarquizado); doutro, o novo mundo (laico, constitucional, já com alguma mobilidade entre as faixas sociais e etárias e um pouco mais de liberdade no campo dos afetos). Trata-se de uma sociedade em transição: do Antigo Regime para os novos usos e costumes da democracia liberal oitocentista portuguesa.

Ler um romance de Júlio Dinis como uma história de amor adocicada é ignorar a luta subjacente que ali se trava com os enormes condicionamentos, morais e sociais, a que estavam sujeitos os nossos antepassados do século XIX, não só em Portugal. As regras e os desvios mais ou menos aceitáveis se impunham aos que viviam e também aos que escreviam. Isto é: do mesmo modo que era preciso ponderar mil vezes antes de agir e dizer, também o escrever estava premido por inibições de ordem vária. Vivia melhor naquele tempo quem sabia como, onde e quando usar as doses certas de discrição e decoro. Portanto, quem hoje lê tais histórias tem que — sob pena de cegar-se num anacronismo redutor de perspectivas — tentar ler para além da cortina espessa das convenções sociais e literárias. Por trás de um rabisco num pedaço de papel, “Coge-Çofar — Sumatra — Telescópio — Manon Lescaut” — capítulo 24 de *As pupilas* — pode estar a repulsa de Daniel por si mesmo e a culpa por induzir Clara a uma ação socialmente indigna. Num divertimento popular aparentemente ingênuo como a esfolhada — capítulo 24 também de *As pupilas* —, nas teias de um abraço mais demorado entre Clara e Daniel, pode vicejar a sexualidade reprimida na vida psíquica e vigiada nas várias esferas sociais.

Com os avanços mais recentes dos estudos sobre a sociedade burguesa oitocentista europeia e também, mais precisamente, a portuguesa, já vêm sendo relidos e reinterpretados os grandes romances do romantismo. Não fica fora disto a obra de Júlio Dinis.

Sérgio Nazar David (Uerj/CNPq)

José das Dornas era um lavrador abastado, sadio, e de uma tão feliz disposição de gênio que tudo levava a rir; mas desse rir natural, sincero e despreocupado, que lhe fazia bem, e não do rir dos demócritos de todos os tempos — rir cético, forçado, desconsolador, que é mil vezes pior do que o chorar.

Em negócio de lavoura dava, como se costuma dizer, sota e ás ao mais pintado. Até o Sr. Moraes Soares teria que aprender com ele. Apesar dos seus sessenta anos, desafiava em robustez e atividade qualquer rapaz de vinte. Era-lhe familiar o canto matinal do galo, e o amanhecer já não tinha para ele segredos não revelados. O sol encontrava-o sempre de pé, e em pé o deixava ao esconder-se.

Estas qualidades, juntas a uma longa experiência adquirida à custa de muito sol e muita chuva em campo descoberto, faziam dele um lavrador consumado, o que, diga-se a verdade, era confessado por todos, sem estorvo de malquerenças e murmurações.

Diz-se que *quem mais faz menos merece* e que *mais vale quem Deus ajuda do que quem muito madruga*, e não sei o que mais; será assim; mas desta vez parecia que se desmentira o ditado, ou pelo menos que o fato das madrugadas não excluía o auxílio providencial, porque José das Dornas prosperava a olhos vistos. Ali por fins de agosto era um tal entrar de carros de milho pelas portas do quinteiro dentro! S. Miguel mais farto poucos se gabavam de ter. Que abundância por aquela casa! Ninguém era pobre com ele; louvado Deus!

Como homem de família, não havia também que pôr a boca em José das Dornas. Em perfeita e exemplar harmonia vivera vinte anos com sua mulher, e então, como depois que viuvara, manifestou sempre pelos filhos uma solicitude, não revelada por meiguices — que lhe não estavam no gênio — mas que, nas ocasiões, se denunciava por sacrifícios de fazerem hesitar os mais extremosos.

Eram dois estes filhos — Pedro e Daniel. Pedro, que era o mais velho, não podia negar a paternidade. Ver o pai era vê-lo a ele; a mesma expressão de franqueza no rosto, a mesma robustez de compleição, a mesma excelência de musculatura, o mesmo tipo, apenas um pouco mais elegante, porque a idade não viera ainda exagerar a curvatura de certos contornos e ampliar-lhe as dimensões transversais, como já no pai acontecia. Conservava-se ainda correto aquele vivo exemplar do Hércules escultural.

Pedro era, de fato, o tipo da beleza masculina, como a compreendiam os antigos. O gosto moderno tem se modificado, ao que parece, exigindo nos seus tipos de adoção o que quer que seja de franzino e delicado, que não foi por certo o característico dos mais perfeitos homens de outras eras.

A organização talhara Pedro para a vida de lavrador, e parecia apontá-lo para suceder ao pai no amanho das terras e na direção dos trabalhos agrícolas.

Assim o entendera José das Dornas, que foi amestrando o seu primogênito e preparando-o para um dia abdicar nele a enxada, a foice, a vara, a rabiça, e confiar-lhe a chave do cabanal, tão repleto em ocasiões de colheita.

Daniel já tinha condições físicas e morais muito diferentes. Era o avesso do irmão e por isso incapaz de tomar o mesmo rumo de vida.

Possuía uma constituição quase de mulher. Era alvo e louro, de voz efeminada, mãos estreitas e saúde vacilante.

O sangue materno girava-lhe mais abundante nas veias do que o sangue cheio de força e vida, ao qual José das Dornas e Pedro deviam aquela invejável construção.

Votar Daniel à vida dos campos seria sacrificá-lo. Apertava-se o coração do pobre pai, ao lembrar-se que os sóis ardentes de julho ou os tufões regelados de dezembro haviam de encontrar sem abrigo aquela débil criança, que mais se dissera nascida e criada em berços almofadados e sob cortinados de cambraia, do que no leito de pinho e na grosseira enxerga aldeã.

E desde então, desde que pensou nisto, uma ideia fixa principiou a laborar no cérebro daquele pai extremoso e a monopolizar-lhe as poucas horas que o trabalho não absorvia.

De vez em quando o encontravam os amigos deveras preocupado, o que, sendo nele para estranhar, excitava curiosidades e receios e desafiava interrogações.

O reitor foi um dos que mais se importaram com a preocupação do nosso homem.

Era este reitor um padre velho e dado, que há muito conseguira na paróquia transformar em amigos todos os fregueses. Tinha o Evangelho no coração — o que vale muito mais ainda do que tê-lo na cabeça.

A qualidade de egresso não tolhia o ser liberal de convicção. Era-o como poucos.

— Ó homem de Deus — disse, pois, o reitor um dia, resolvido deveras a sondar as profundezas daquele mistério —, que tens tu há tempos a esta parte? Que empresa é essa em que me andas a cismar há tantos dias?

— Que quer, Sr. padre Antônio? Um homem de família tem sempre em que cuidar; tem a sua vida e tem a dos filhos.

Foi a resposta que obteve.

— Ora essa! — insistiu o padre. — Bem alegre te via eu, em tempos mais azados para tristezas, e bem alegres vejo muitos com bem

outras razões para o contrário. Mas tu! Que mais queres? Tens bons haveres para deixares a teus filhos; mas, quando os não tivesses, sempre eram dois rapazes; e deixa lá, José; um homem é outra coisa que não é uma mulher; onde quer se arranja; toda a terra é sua; em toda a parte encontra que fazer, e qualquer trabalho lhe está bem. Agora os pobres que vejo por aí com um rancho de raparigas, coitadinhas, que ficam mesmo a desamparo de todo, se a sorte lhes roubar o pai... esses, sim, é que não sei como podem ter um momento de alegria; e, contudo, encontrá-los nas festas, que é um louvar a Deus.

— É assim, Sr. Reitor, eu sei que os há por aí mais infelizes do que eu, mas...

— Mas então, quem tem saúde e a quem Deus não falta com o pão nosso cotidiano, só deve erguer as mãos ao céu para lhe tecer louvores. Mareia tu a tua vida, que teus filhos não são nenhuns aleijados para precisarem de pedir esmola.

— Graças a Deus que não são, Sr. Reitor. O Pedro, sobretudo, não me dá cuidados. O Senhor fê-lo robusto e fero; é um homem para o trabalho; e quem pode trabalhar não precisa de outra herança. Pelo trabalho, e com a ajuda de Deus, fiz eu esta minha casa, que não é das piores, vamos; ele, com menos custo, a pode agora aumentar, se quiser. Mas o Daniel já não é assim. Aquilo é outra mãe — o senhor a chame lá. Um dia de ceifa é bastante para mo matar. É a sorte dele que me dá cuidado.

— Então é só isso? Ora, valha-te Deus! É verdade. O pequeno é fraquito e decerto não pode com o trabalho do campo, mas... para que queres tu o dinheiro, José? Acaso não terás alguns centos de mil-réis ao canto da caixa para pôr o rapaz nos estudos? Não podes fazer dele um lavrador? Fá-lo padre, letrado ou médico, que não ficarás pobre com a despesa.

José das Dornas, ao ouvir assim formulado o conselho do reitor, sorriu com a visível satisfação que sempre experimentamos, vendo

que um dos nossos pensamentos favoritos merece a aprovação de alguém, antes de lho revelarmos.

— Nisso mesmo pensava eu. Já me lembrou mandá-lo estudar, mas tinha cá certos escrúpulos.

— Escrúpulos! Valha-te não sei que diga! Pois ainda és desses tempos? Que escrúpulos podes ter em mandar ensinar teus filhos? Fazes-me lembrar um tio meu que nunca permitiu que as filhas aprendessem a ler; como se pela leitura se perdesse mais gente do que pela ignorância.

— Não é isso, Sr. padre Antônio, não é isso o que eu quero dizer; mas custa-me dar a meus filhos uma educação desigual. Vê V. S.<sup>a</sup> São irmãos e, mais tarde, o que tomar melhor carreira e se elevar pelo estudo há de desprezar o que seguir a vida do pai, a ponto de que os filhos dum e doutro quase não se conhecerão: é o que mais vezes se vê. Não é uma injustiça que faço a Pedro a educação que der a Daniel?

— Homem de Deus, não há desigualdade verdadeira, senão a que separa o homem honrado do criminoso e mau. Essa sim, que é estabelecida por Deus, que, na hora solene, extremará os eleitos dos réprobos. Educa bem os teus filhos em qualquer carreira em que os encaminhes; educa-os segundo os princípios da virtude e da honra, e não os distanciarás, acredita; porque cumprindo cada um com o seu dever, serão ambos dignos um do outro e prontos apertarão as mãos onde quer que se encontrem. E no sentido mundano, julgas tu que fazes mais feliz Daniel, por o elevares a uma classe social acima da tua! Ai, homem, como vives enganado! O quinhão de dores e de provações foi indistintamente repartido por todas as classes, sem privilégio de nenhuma. Há infortúnios e misérias que causam o tormento dos grandes e poderosos, e que os pobres e humildes nem experimentam, nem imaginam sequer. Grande nau, grande tormenta: hás de ter ouvido dizer. Sabes que mais, José? — concluiu

o reitor —, manda-me o rapaz lá por casa, que eu lhe irei ensinando o pouco que sei do latim, e deixa-te de malucar.

Com esta e idênticas razões foi o bom do padre convencendo José das Dornas, que nada mais veementemente desejava do que ser convencido — e, decorridos oito dias, via-se já Daniel passar, com os livros debaixo do braço, a caminho da casa do reitor.